

**SER MULHER: NO TEMPO DA CANÇÃO E NO TEMPO SOCIAL**

José Geraldo Rocha

Sonia Fazenda

**RESUMO**

Este texto aponta para a reflexão sobre situações que levam a sociedade a tratar especificamente a mulher de modo diferenciado, distinguindo determinadas condições inerentes ao criado para o gênero feminino e os fatores que contribuem para tal visão, levando o contexto social a legitimar esse tipo de comportamento. Através da música e aproveitando festejos populares, como o carnaval, os autores Heitor dos Prazeres e Ismael Silva produziram músicas em que os estereótipos em torno da mulher, de um “perfil” feminino que caracteriza esse desenho de submissão que emerge de valores alicerçados por um contexto de construção que permeia o campo da ideologia e do poder.

**Palavras - chave:** História- Mulher – Música- Carnaval- Ideologia

**ABSTRACT**

This text refers to the consideration of situations that lead the company to deal specifically with women so differently, distinguishing certain conditions inherent in the created for the females and the factors that contribute to that vision, taking the social context to legitimize this kind of behavior. By taking advantage of music and popular festivities such as Carnival, the composers Heitor dos Prazeres and Ismael Silva produced songs in which the stereotypes surrounding the woman, a "profile" that features female submission of the

design that emerges from figures based on a context of construction that permeates the field of ideology and power.

**Key's words:** History, Women - Music-Carnival-Ideology

Embora a realidade seja a unidade da essência e da aparência, a essência manifesta-se em algo diferente do que é.

(LUKÁCS, 1967:11-23)

As relações de gênero na sociedade brasileira têm merecido uma atenção especial no contexto da promoção e valorização humana. No universo da música popular pode ser presenciado como é cantada a mulher, chegando em muitas situações à expressa manifestação do constrangimento feminino. As letras de músicas no samba brasileiro são repletas de afirmações que reforçam a violência contra a mulher. Em determinadas letras chega a nos surpreender, dado a fama de seus autores no campo da música popular brasileira.

O presente artigo desenvolve uma reflexão a partir de afirmações contidas em letras de sambas, gênero musical presente nas diversificadas regiões do país. Devemos considerar que as letras das canções têm de um modo geral, características muito próprias. A força e a representação social do revelado na letra, do expresso pelo autor que se apresenta vinculado à música como: a melodia, a harmonia e o ritmo, compõem o cenário cultural, o contexto vigente, promotores dos fatos sociais produzidos pela sociedade. As mensagens contidas nas letras provocam intenções e fazem emergir conteúdos latentes e sentimentos.

Quando o compositor cria a letra de uma canção, coloca não apenas suas experiências, seus contextos e visão de mundo, mas também toda a circunstância em que vive, o que o leva a compreensão do que ocorre no

cotidiano, muitas das vezes, revela na composição, o pensar de determinado grupo social. Por esse motivo, a música é objeto de estudo de pesquisadores das diversas áreas do conhecimento, que a analisam por diferentes enfoques o contexto histórico, social religioso e cultural de onde ela se originou.

O carnaval é sem contestação uma das festas populares mais representativas da alegria, do despojamento, da liberação dos povos de todo mundo. Teve sua origem no entrudo de origem portuguesa. Houve no século XX, um crescimento da festa carnavalesca que tornou-se cada vez mais uma manifestação popular. Podemos acrescentar que tal crescimento ocorreu com o surgimento de marchinhas carnavalescas. As músicas, os ritmos deixavam o carnaval cada vez mais animado.

Os compositores trouxeram para as suas criações de carnaval a representação da mulher que apanha do companheiro, que leva tapas e se submete aos sofrimentos em razão do amor que sente. Alguns hábitos, como a questão da sujeição da mulher, são naturalmente cantados e acatados passivamente, ganham respaldo no contexto social, nem sempre são questionados ou colocados em discussão, porque são considerados banais, como uma tradição, um costume social e, como tal, aceito e evocado.

Conjugando as considerações tecidas encontramos no carnaval de 1930, a letra da música, composta por Ismael Silva, que diz:

*Vem, vem/ Que eu dou tudo a você /Menos vaidade/Tenho  
vontade /Mas é que não pode ser/ O amor é o do malandro  
/Oh! Meu bem /Melhor do que ele ninguém /Se ele te bate /É  
porque gosta de ti /Pois bater-se em quem /Não se gosta /Eu  
nunca vi*

A letra dessa musica “amor de malando” inspirou a compreensão , que veio se tornar uma expressão popular “ tapa de amor não dói”, que por décadas na sociedade brasileira fundamentou e justificou a violência masculina em relação à mulher. A extremização dessa expressão originou o Funk “só um tapinha não dói”, de MC Tigrão, cantado, dançado e encenado por centenas de milhares de jovens nas periferias do país. A ausência de qualquer

reflexão a respeito de tal afirmação levou a uma banalização e naturalização da violência contra a mulher. A composição musical de Ismael não ficou apenas nessa expressão, mas veiculou outras que à luz das discussões atuais significaram verdadeiros atentados à dignidade da mulher. “Se ele te bate é porque gosta de ti, pois bater-se em quem não se gosta eu nunca vi”. É nessa perspectiva que se chegou à compreensão que se poderia matar por amor. Quem ama é capaz de tudo, até de matar. Um absurdo na lógica das relações humanas, que presenciamos até os dias atuais – os crimes passionais.

Ser mulher, então, significa fragilidade, vulnerabilidade e exposição dessa condição nas melodias, nos sons contagiantes irradiados e cantados no bojo do social. Questão de gênero.

Segundo Quad,

Falar de ‘gênero’ é algo mais do que falar das diferenças biológicas entre homens e mulheres. Assim como o patriarcado, gênero é um conceito que pode ser entendido ao lado da luta das mulheres pelos seus direitos [...] Gênero não é apenas sinônimo de sexo, masculino ou feminino. Gênero também é o conjunto de expressões daquilo que se pensa sobre o masculino e o feminino. Ou seja, a sociedade constrói longamente, durante os séculos de sua história, significados, símbolos e características para interpretar cada um dos sexos. A essa construção dá-se o nome de ‘relações de gênero. (QUAD: 2003, p.55)

Seguindo a reflexão sobre a música, necessário se faz realçar que o malandro na época era visto como um tipo estranho, perigoso muito valente e ainda atribuíam a sua figura semelhanças com os antigos capoeiras do Rio de Janeiro. Pela situação da malandragem ter se tornado “moda” nesse período da canção, a figura passou a ter referências, principalmente em letras de música e com isso, uma conotação social ampla. Era sinônimo de desordem, de samba e na sua valentia comum bater em mulher.

A história das mulheres consta como marcada por episódios de exclusão social, de procura de espaço, buscas por grandes expectativas de possibilidades de mudar o cenário, o condicionamento social destinado ao seu papel. Tal realidade Segundo Del Priory demanda “um esforço de trazer

respostas a questões que são formuladas por nossa sociedade: qual foi, qual é e qual poderá ser o lugar das mulheres” (DEL PRIORY: 2008, p.9)

A mulher foi idealizada para cumprir a missão de ser mãe e realizar as incumbências domésticas. Estava sujeita a uma moral rígida, severa. O seu espaço era o lar, sem o direito de sua cidadania, pois não era considerada cidadã. Quando solteira era sujeita e protegida pelo pai, ao casar-se era tida como propriedade, submissa e comandada pelo seu marido.

É de importância compreender como ocorrem essas relações no contexto social para que se identifiquem os valores constituídos e atribuídos aos homens e mulheres, bem como as regras sociais de comportamento decorrentes desses valores.

O compositor Heitor dos Prazeres na sua composição musical *Mulher de Malandro*, fazendo “referência” a um determinado perfil de mulher, diz que: *Mulher de malandro sabe ser/Carinhosa, de verdade/ Ela vive com tanto prazer/ Quanto mais apanha, a ele tem amizade/ Longe dele tem saudades* Para Scott o gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”(SCOTT: 1992, p.14).

Determinados comportamentos são construídos pela cultura como sendo pertencentes ao homem e a mulher, são repetidos, recalcados e legitimados pelos costumes.

Pela ordem social, o homem não pode arquear, se submeter à condição da mulher. Não deve chorar ou deixar seus afetos em evidência, isto demonstra fraqueza, por outro lado, a mulher pode expressar submissão, porque é fraca, pode levar tapas porque suporta e ainda os safanões são colocados no rol de prazeres femininos. A letra segue dizendo: *Ela briga, com o malandro/ Enraivecida, manda ele andar / Ele se aborrece, e desaparece/ Ela sente saudades, vai procurar/ Mulher de malandro sabe ser /Carinhosa, de verdade /Ela vive com tanto prazer/ Quanto mais apanha à ele tem amizade/ Longe dele tem saudades*

Evidencia na música a relação aos estilos de vida que considera realmente importante a convivência com relação à atividade amorosa e passividade feminina. O autor complementa a composição:

*Muitas vezes, ela chora/ Mas não despreza o amor que tem/  
Sempre apanhando e se lastimando /E longe do malandro, se  
sente infeliz*

Nos versos surgem as representações de como se constroem as identidades e como se confirmam e conformam no social as categorias do masculino e do feminino. O autor apresenta cena de desigualdades e hierarquias entre homem e mulher. O poder se exerce sobre o feminino como forma de domínio em princípio pela figura masculina, entretanto se expande no contexto social, cultural e político. A associação de choro/amor/castigo e felicidade na relação homem mulher solidificaram ao longo da historia a equivocada concepção de dignidade feminina bem como a deturpação da dignidade masculina.

Segundo Fiorin “ a esse conjunto de idéias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens, é o que comumente se chama ideologia”(FIORIN :2007, p.28)

A ideologia dominante, de certo modo, naturalizou tais relações, e dentre tantas maneiras de veiculação de tal ideologia, a música serviu como um eficaz instrumento a serviço do machismo.

Todas as formas de sociabilidade, de ser entendida pela comunidade dependem de significados que são compartilhados e podem ser tomados como dados informativos, pois nenhuma forma de comunicação ou interação social é concebível sem alguma espécie de “dito comum”. Por outro lado, a capacidade de exercer poder, dominação e hegemonia social passa pela capacidade de moldar de uma maneira significativa a natureza e o conteúdo desta parte que todos já conhecem e o torna com implicações e questões importantes que servem à ideologia. A música denota e irradia o espírito das ocorrências sociais. Assumindo assim a linguagem musical como a expressão e como uma prática sócio-cultural vigente.

Através da música, particularmente a dos autores citados, podemos perceber que a mulher enquanto sujeito submisso adquire uma dimensão

social, de forma que interagindo com outros sujeitos fica estigmatizada. O contexto dominante apropria-se desses acontecimentos e isso passa a integrar a cultura. A condição da mulher torna-se singular no bojo do social e na música que contagia, irradia e se expande. Fundamenta-se assim uma cultura de dominação do sexo masculino. Ser homem e dominar o sexo feminino, seja qual for a forma utilizada para tal, é sinônimo de poder. Então, a música passa a ser utilizada como um veículo ideológico de disseminação de poder. Nesse contexto, Goran vai afirmar que:

O sexo é uma força básica de orientação da biologia humana; o poder é um aspecto fundamental da sociologia humana. Sexo e poder não são mundos distintos um do outro, mas estão entrelaçados um no outro. O poder pode ser observado no reino animal, enquanto as formas de sexualidade humanas são socialmente construídas e variáveis. Ambas são moedas conversíveis e mescláveis uma na outra. O sexo pode levar ao poder através do canal da sedução. O poder é também uma base na obtenção do sexo, pela força, ou pelo azeiteamento pelo dinheiro e por tudo aquilo que ele pode comprar.  
(THERBORN, 2006, p. 11)

Com o passar do tempo pode ser percebido como se efetivou o processo de violência sobre a mulher. A naturalidade com que se fala e se age nesse processo evidencia cada vez mais o desrespeito e a desvalorização da dignidade feminina. Todos os esforços das lutas feministas e das mulheres em geral estão associados à necessidade de encontrar caminhos para ser mulher no tempo social, o que para isso demanda a suplantação da concepção de mulher cantada nas canções aqui retratadas.

A violência contra as mulheres é uma das principais maneiras de violação e agressão dos direitos humanos. Tal fato atinge as mulheres em diversos direitos, como por exemplo, à integridade, à saúde tanto física como a psíquica, comprometendo suas expectativas e ferindo seu direito à vida.

As perversas construções sociais no Brasil criam um contexto de desigualdades e discriminações para as mulheres. É necessário considerar que a violência contra as mulheres é tida como o mais generalizado de abuso dos direitos humanos no mundo, contudo é o menos reconhecido.

Para o enfrentamento dessa cultura machista de origem patriarcal são necessárias políticas públicas que atuem de maneira eficaz modificando a

discriminação e fortalecendo a compreensão de que os Direitos das Mulheres são originalmente Direitos Humanos. Fica transparente que modificar a cultura da subordinação, da discriminação de gênero requer várias ações conjugadas, com repercussões no âmbito público e privado.

### **Referências Bibliográficas**

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis – Sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

DEL PRIORY, Mary. *Historia das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, Luis Jose. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ática. 2007

LUKÁCS, Georg. *A Teoria do Romance*. São Paulo: Editora 34. 2007

QUAD, Daniela. *Feminismo: que história é essa?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003

SCOTT, Joan. *História das mulheres*. In: BURKE, Peter. (org.) *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo, Unesp, 1992

THERBON, Goran. *Sexo e Poder – a família no mundo 1900-2000*. São Paulo: Contexto, 2006.